

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: Amazônia / Saúde

Data: 18/10/93 Pg.: 15 54

Fiocruz desenvolve teste para evitar malária por transfusão

ANA LUCIA AZEVEDO

Testes para a detecção de portadores de malária em bancos de sangue poderão se tornar mais fáceis. Uma pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz descobriu uma proteína que servirá de base para testes capazes de detectar quem pode ou não doar sangue. Em toda a Amazônia, onde a malária é endêmica, a triagem de doadores é um dos maiores problemas das autoridades de saúde, pois boa parte da população já teve o mal.

A malária é hoje a doença com maior número de vítimas em todo o mundo e, a Amazônia Legal (Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Amapá, Acre, Mato Grosso e Tocantins), uma das regiões mais afetadas. Lá, é muito difícil evitar a transmissão da doença através de sangue infectado.

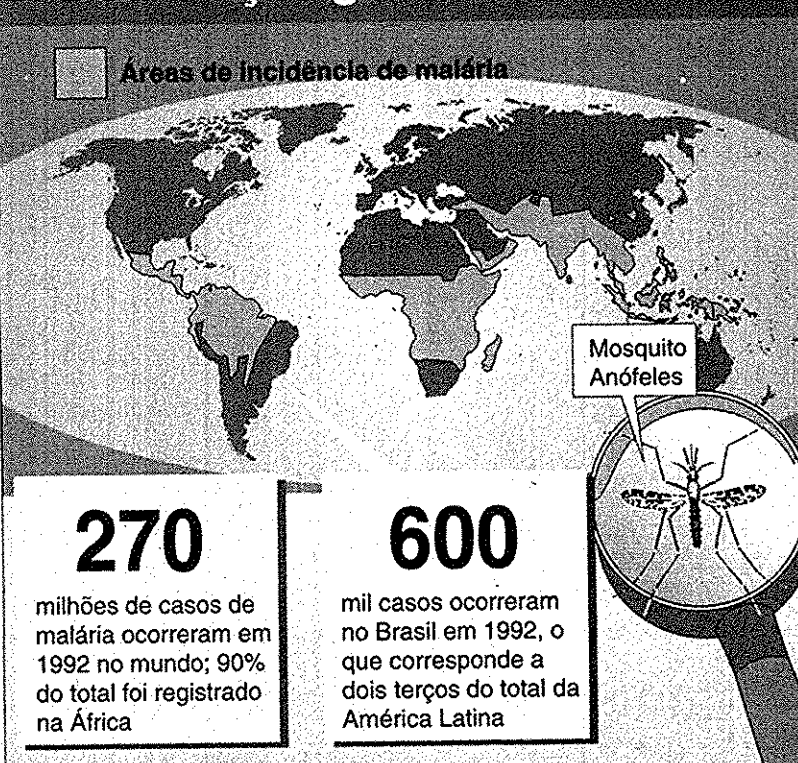
A proteína descoberta pela bióloga molecular do Departamento de Imunologia Helena Balthazar-Guedes, porém, poderá dar origem a testes rápidos e baratos, adequados para postos de saúde, inclusive na floresta.

Hoje, a triagem é feita através de um teste simples chamado gota espessa. Ele acusa a presença do parasita da doença, o protozoário *Plasmodium falciparum*. O problema é que, com isso, quem tem o parasita (pois já teve malária) mas já saiu do estágio em que ele é transmissível, deixa de doar sangue.

— O número de doadores na Amazônia já é pequeno e o sistema de triagem o reduz ainda mais — explica Helena.

A vantagem da proteína é que ela só é reconhecida pelos anticorpos presentes no sangue de quem ainda pode transmitir a doença. Como somente o sangue das pessoas nessa fase reconhece a proteína, é possível dizer de maneira segura quem pode ou não doar sangue.

A distribuição global



Doença é a que mais mata em todo o mundo

A Organização Mundial da Saúde (OMS) chama a malária de rainha das doenças. Não é à toa. Nenhuma outra doença tem taxas tão altas de mortalidade e morbidade (incidência de pessoas afetadas). Por ano, são um milhão de mortos (uma morte a cada 30 segundos). Cerca de 40% da população mundial vive em áreas de risco e o número de doentes por ano ultrapassa os 270 milhões.

A África é o continente

mais afetado, com 90% dos casos. Fora da África, o Brasil é o segundo país mais atingido, só ficando atrás da Índia. Dois terços dos casos ocorrem na Amazônia. A malária é resultado direto da ocupação sem planejamento da floresta, onde vive o mosquito transmissor. A malária pode matar. Não há drogas eficazes e as vacinas são experimentais. A infecção ataca o fígado, mas pode chegar ao cérebro.

Migrantes aprendem a driblar o parasita

Os migrantes que chegam ao Norte do Brasil são vítimas fáceis da malária. Não conhecem a doença nem métodos para evitá-la. Também não têm a imunidade adquirida pela sucessiva exposição ao parasita. No entanto, um estudo de Helena Guedes em Ariquene, cidade com alto índice de malária em Rondônia, mostrou que muitos migrantes do Sul aprenderam sozinhos a se defender da doença.

No trabalho "Vivendo e aprendendo a evitar malária", Helena conta a experiência de migrantes que conseguiram escapar da doença. Ela entrevistou e analisou amostras de sangue de 439 pessoas (que estavam doentes ou que tinham estado doentes num período de 30 dias há até um ano). Todos tinham menos de 30 anos e estavam há menos de cinco anos na Amazônia.

O resultado mostrou que, embora não tivessem imunidade, a maioria vinha conseguindo se livrar da doença. Os migrantes, a maioria trabalhando na agricultura, aprenderam que deviam evitar morar perto da floresta e procurar o posto médico assim que surgissem sintomas.

— O processo cultural é muito importante para o controle da malária — disse Helena.

O estudo mostrou que quem tinha estado doente há pouco tempo também tinha chegado recentemente à Amazônia. "Os migrantes perceberam que, morando longe da floresta (habitat do mosquito transmissor) ficavam mais protegidos", explicou Helena. Como as casas não têm paredes, muitos passaram a usar mosquiteiros e a fazer fogueiras para afastar o mosquito.